

CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

Pamela Tavares Monteiro, Doutoranda em Pós-colonialismos e Cidadania Global, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Portugal, pamelatavaresmonteiro@gmail.com

Ivan Marcelo Gomes, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil, ivanmgomes@hotmail.com

Resumo: Esta investigação destaca o Núcleo Afro Odomodê, equipamento público voltado às juventudes afrodescendentes, pertencente a Prefeitura Municipal de Vitória, capital do Espírito Santo/Brasil. Concentrado na promoção da valorização da cultura e empoderamento negro juvenil, o Odomodê oferta ações afrorreferenciadas para o ensino das relações étnico-raciais, como grupo de estudos, oficinas, cursos, eventos; tendo como princípio, o Plano Municipal de Juventudes, o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013 e o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010). O objetivo desta investigação se concentrou em compreender como a cultura corporal de movimento relacionada com as culturas afros trabalhadas no Odomodê interferem no cotidiano destas juventudes. Metodologicamente, adotou, a partir de uma perspectiva qualitativa, um Estudo Interpretativo com ferramentas de observação participante, diário de campo e entrevista semiestruturada. Neste texto será destacada a dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro destas juventudes que frequentam o Núcleo Afro Odomodê.

Palavras-chave: Corpo negro, Estética Afro-diaspórica, Políticas públicas, Juventudes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro encarada pelas juventudes afro-brasileiras atendidas pelo Núcleo Afro Odomodê. Tal dimensão foi encontrada no processo de análises da investigação de mestrado nomeada “O corpo afro-brasileiro e suas re-existências políticas: as estéticas afrodiáspóricas das juventudes no Núcleo Afro Odomodê” que visou compreender como os corpos negros das

juventudes afro-brasileiras se relacionam com as culturas afros relacionadas com a cultura corporal de movimento oferecidas no equipamento público nomeado Núcleo Afro Odomodê.

O objeto de pesquisa em questão se relaciona intimamente com as movimentações auto-organizadas das populações negras ao longo da história, bem como as articulações destes com os demais movimentos negros do continente africano e de demais localidades afro diaspóricas. Tais articulações geraram, no fim da década de 90, um movimento negro de perfil cultural inovador, o qual discute e tensiona novas formas de denúncias antirracistas através das artes e culturas. Além do que, estas, também auxiliaram no avanço das reivindicações realizadas em períodos anteriores para a implantação de políticas públicas específicas para as populações afro-brasileiras.

Neste contexto, uma destas políticas reivindicadas é a criação do equipamento de juventudes Núcleo Afro Odomodê, no ano de 2005, que tem como objetivo geral estimular, sensibilizar e mobilizar as juventudes afro-brasileiras para as equidades socio-raciais e para a luta contra os preconceitos, violências e demais exclusões. Este, atualmente, está subordinado a Coordenação de Políticas dos Direitos das Juventudes, vinculada à Gerência de Políticas de Cidadania e Direitos Humanos pertencente a Secretaria de Cidadania, Direitos Humanos e do Trabalho (SEMCID), da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), onde se respalda através do Plano Municipal de Juventudes, Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) e do Estatuto da Igualdade Racial (Lei de nº 12.288/10).

Desta forma, um equipamento público de juventudes que permita denunciar os racismos presentes nas estruturas brasileiras é também auxiliar na compreensão de como o racismo se institucionaliza e se faz presente nos corpos afro-brasileiros. O racismo hierarquiza a população afro-brasileira construindo estereótipos negativos sob suas crenças, religiões e cultura, desvalorizando seus símbolos culturais, em uma perspectiva inferiorizante, marcando significativamente a vida desta população, de modo que o racismo atue sobre a concepção que o sujeito afro-brasileiro possui de si e sobre o seu grupo.

Desta forma, se faz presente a cultura corporal de movimento como uma importante aliada para as ações e atividades que visem repensar e/ou ressignificar as colonialidades que limitam e inferiorizam os corpos das juventudes afro-brasileiras atendidas pelo Odomodê.

Desta forma, já com a apresentação de nosso referencial teórico, apresentaremos nos próximos tópicos as estratégias metodológicas utilizadas. Após isto, enfocaremos o eixo analítico focado na dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro elaborando uma lente interpretativa com a qual seja possível analisar as mudanças e transformações das juventudes afro-brasileiras assistidas pelo Odomodê.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho se caracterizou como um estudo interpretativo, realizado por meio de observação participante, entrevistas com 13 dos atores políticos deste equipamento, pelo acompanhamento presencial de 17 jovens e pelo auxílio do diário de campo. Assim, esta pesquisa contou com a participação de 30 sujeitos de pesquisa, dentre eles as elaboradoras, coordenadoras das políticas das juventudes da PMV e do Odomodê, servidores públicos fiscais de políticas públicas e assistentes sociais, educadores sociais do Odomodê e jovens atendidos pela política. Ademais, visando o anonimato dos participantes, estes foram identificados com nomes de países africanos no interior deste trabalho.

Deste trabalho de campo e dos documentos analisados identificamos um eixo analítico composto pelo processo de empoderamento negro que caracteriza o funcionamento do Núcleo Afro Odomodê para com as juventudes afro-brasileiras atendidas. Neste eixo, identificamos três categorias de análises inspiradas nas dimensões do processo de empoderamento negro (BERTH, 2019).

Para este trabalho, focaremos uma das categorias de análise visando discutir o modelo educacional e o impacto do ensino das relações étnico-raciais para estas juventudes em questão, a qual foi denominada de “Dimensão Cognitiva: o contato com os elementos afro-diaspóricos” se voltou para a dimensão pedagógica trabalhada no Odomodê através das formações antirracistas ofertadas, onde são apresentados os elementos das lutas, estéticas e ações dos movimentos negros auto-organizados que exemplificam para as juventudes as identidades negras e práticas antirracistas.

DIMENSÃO COGNITIVA: OS ELEMENTOS AFRO-DIASPÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS

A dimensão cognitiva se dá através da educação antirracista trabalhada no Odomodê, interpretada por nós, sob o formato de uma pedagogia decolonial. Tal educação trabalhada no Núcleo foi abordada aqui levando em consideração: os conteúdos étnico-raciais que foram mais recorrentes; o modelo de formação apresentado à equipe e às juventudes afro-brasileiras; as perspectivas das/dos jovens em relação aos momentos formativos; como a formação antirracista se faz importante na vida das juventudes afro-brasileiras atendidas por esta política.

Inicialmente, destacamos que a forma como o Odomodê pedagogiza o ensino para as relações étnico-raciais está em consonância com o que compreendemos como sendo as pedagogias decoloniais. Tal argumentação se funda nas ações realizadas no Núcleo que, no período estudado, visaram fundamentalmente romper com os estereótipos raciais brasileiros inspirados nas teorias das raças e nas demais lógicas eurocêntricas, que têm, em suas estruturas, estigmas e estereótipos que criminalizam e culpabilizam os corpos afro-brasileiros pelos problemas raciais, sociais e econômicos do país.

O Odomodê frisou, em suas intervenções, as diversidades, as brechas e as possibilidades de transformações sociais e econômicas, mesmo que pequenas. Afinal, o rompimento com a lógica das previsões e certezas é também um modo de decolonizar os saberes e nossa própria subjetividade (ACHINTE, 2013, p. 414).

Assim, a ênfase formativa existente no Núcleo se apresentou tanto nos documentos quanto nos depoimentos coletados virtualmente, presencialmente e por meio das entrevistas. O intuito maior é que sejam expostos ao máximo as criações, artes, obras, trabalhos e feitos pelas populações negras através da valorização de suas ações, estratégias criativas de combater o racismo, e formas de compreender o mundo e a sociedade em que vivemos. Tal trabalho é desempenhado, principalmente, durante o contato direto entre os educadores sociais, oficinairos e juventudes.

Desta forma, o trabalho formativo realizado pelo Núcleo pode enfatizar a riqueza da cultura negra presente no corpo e favorecer a sua compreensão como alegoria de beleza e não de inferioridade. As práticas pedagógicas que visam combater o racismo e as discriminações têm como objetivo estruturar uma reeducação das relações étnico-raciais para o fortalecimento da identidade da população negra e o despertar de uma conscientização da população não negra.

De acordo com a maioria dos entrevistados, as atividades de danças urbanas e afro e a Capoeira são as atividades utilizadas para a abordagem das discussões sobre as expressões dos corpos negros e da corporeidade negra, além de teatro, maquiagem, penteado afro, Racismo no Esporte, com futebol periférico, dentre outras.

De fato, identificamos uma relação direta entre essas atividades e as contribuições da cultura corporal de movimento, inclusive quanto ao papel dos educadores para com essa, sendo que concordamos com Daolio (2004), que afirma que o educador pode se utilizar de elementos da cultura visando a novas experiências motoras, bem como no âmbito das formações humanas.

Visto isso, as juventudes afro-brasileiras no Odomodê, ao experimentarem um amplo

repertório de vivências, sobretudo no campo das danças afro, com variadas oportunidades motoras, são oportunizadas a explorar a cultura corporal e uma série de relações com os outros e os espaços, ressignificando novos saberes, estéticas e expressões, em especial nas relações com os símbolos, signos e alegorias das culturas afro.

O Odomodê acredita que, a partir de uma grande gama de conteúdos afro ofertados, o/a jovem seja capaz de refletir sobre o que é ser negro(a) no Brasil e sobre as diversas formas de existir dentro desse cenário. O/A jovem adentra, assim, um processo de se autoconhecer, de se auto identificar e de refletir sobre suas relações de poder, agir, falar, produzir, comprar e estudar.

Frente a isto, é importante ressaltarmos que, nesse processo de opressão racial pelos corpos, há o silenciamento sistematizado dos grupos oprimidos, fortalecendo a hegemonia de um discurso único (BERTH, 2019, p. 38), sendo necessárias pedagogias que envolvam a expressão e a denúncia.

Assim, o empoderamento negro, por possuir uma relação direta nas reflexões e mudanças corporais, nos seus usos e compreensões, estreita os efeitos da aderência de conhecimentos étnico-raciais com as mudanças estéticas das juventudes afro-brasileiras, corroborando para uma mudança comportamental. O/a jovem modifica o seu agir, vestir, aprender e comprar, valorizando suas belezas e suas formas de criações culturais, aderindo a penteados, modificando estampas e questionando: “Por que eu não ‘posso’ usar meu cabelo crespo?”, “Por que o meu corpo não ‘pode’ existir sem ser erotizado?”.

Desta forma, as juventudes afro-brasileiras, em um processo coletivo de busca pelas equidades raciais e imersas no processo de empoderamento negro, vão amadurecendo seus conhecimentos sobre as relações étnico-raciais no Brasil e desenvolvendo seus objetivos pessoais, gostos e opções profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é preciso afirmar as juventudes afro-brasileiras do Odomodê vêm se tornando cada vez mais ativas no processo de resistência dos corpos negros, esses/ essas jovens têm desenvolvido reinvenções dessa afrocentricidade no seu cotidiano. Essa força mobilizadora pode se apresentar de forma mais organizada, como o Movimento Negro, ou de forma mais dinâmica, como se observa nas práticas da geração tombamento. Esses/as jovens através da sua visibilidade denunciam e repudiam qualquer ação racista, consolidando o caráter participativo dessas/as nos processos de resistências.

O Odomodê parece ser o local onde o jovem inicia seus conhecimentos sobre o funcionamento das políticas públicas, pois começa a compreender como funciona uma Prefeitura e suas secretarias, bem como participa de suas ações, planejamentos e discussões principalmente, as dialogadas com as ações dos movimentos sociais e comunitários. Os jovens iniciam o processo de empoderamento negro atrelado ao dispositivo de re-existencia, compreendendo assim, suas contribuições para a luta contra as desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniais: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I. p. 443-468.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). Pólen, 184 p, 2019.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp. 2020.